

Poemas





*Pessoas são diferentes*  
*Ruth Rocha*

*São duas crianças lindas  
Mas são muito diferentes!*



Uma é toda desdentada,  
A outra é cheia de dentes...



Uma anda descabelada,  
A outra é cheia de pentes!



Uma delas usa óculos,  
E a outra só usa lentes.



Uma gosta de gelados,  
A outra gosta de quentes.



Uma tem cabelos longos,  
A outra corta eles rentes!



*Não queira que sejam iguais,  
Clás, mem mesmo tentes!*

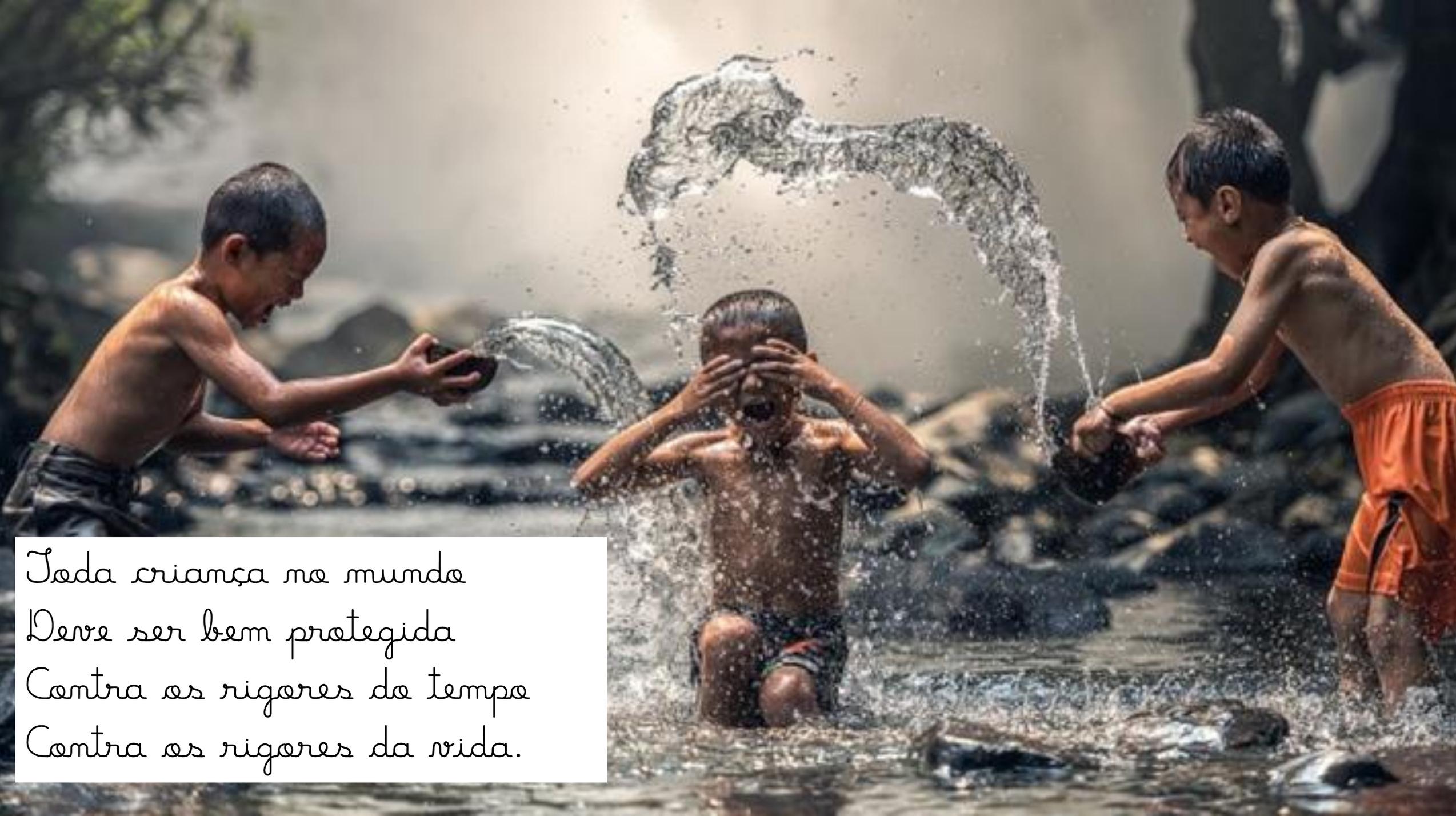


*São duas crianças lindas  
Mas são muito diferentes!*



O direito das crianças  
Ruth Rocha





Toda criança no mundo  
Deve ser bem protegida  
Contra os rigores do tempo  
Contra os rigores da vida.



Criança tem que ter nome  
Criança tem que ter lar  
Ter saúde e não ter fome  
Ter segurança e estudar.



Não é questão de querer  
Nem questão de concordar  
Os direitos das crianças  
Todos tem de respeitar.



Tem direito à atenção  
Direito de mãe ter medos  
Direito a livros e a pão  
Direito de ter brinquedos.



Mas criança também tem  
O direito de sorrir.  
Correr na beira do mar,  
Ter lápis de colorir...



Ver uma estrela cadente,  
Filme que tenha robô,  
Ganhar um lindo presente,  
Ouvir histórias do avô.



Descer do escorregador,  
Fazer bolha de sabão,  
Derrete, se faz calor,  
Brincar de adivinhação



Merango com chantilly,  
Ver mágico de cartela,  
O canto do bem-te-vi,  
Bola, bola, bola, bola!



Lamber fundo da pamele  
Ser tratada com afeição  
Ser alegre e tagarela  
Poder também dizer mãe!





Carrinha, jogos, bonecas,  
Montar um jogo de armar,  
Amarelinha, petecas,  
E uma corda de pular.

As coisas que a gente fala  
Ruth Rocha





As coisas que a gente fala  
saem da boca da gente  
e não ouvindo, ouvindo,  
correndo sempre pra frente.

Entrando pelos ouvidos  
de quem estiver presente.

Quando a pessoa presente

É pessoa distraída

Não presta muita atenção.

Então as palavras entram

E saem pelo outro lado

sem fazer complicação.

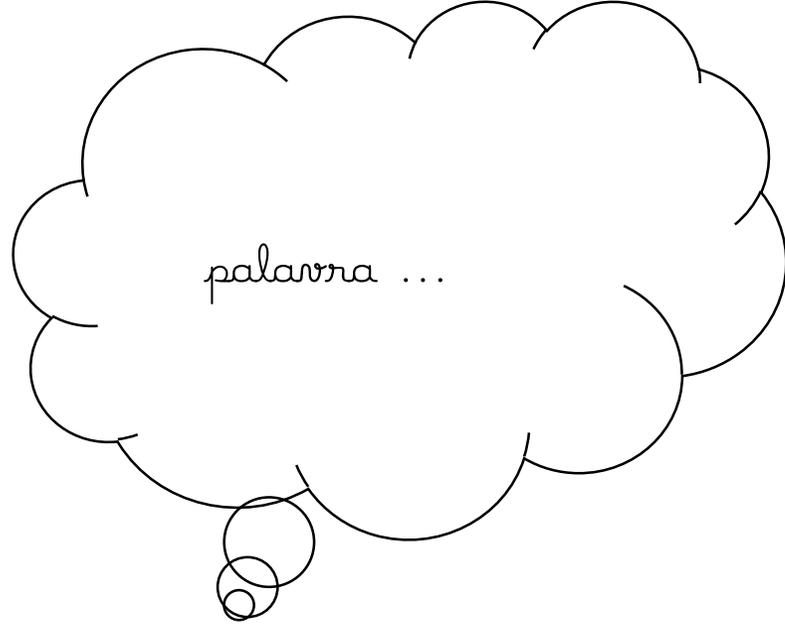


Mas às vezes as palavras  
Vão entrando nas cabeças,  
Vão dando voltas e voltas,  
Fazendo reviravoltas  
E não dando piruetas.  
Quando saem pela boca  
Saem todas enfeitadas.  
Engraçadas, diferentes,  
Com palavras penduradas.



Mas depende das pessoas  
(Que repetem as palavras.  
Algumas enfeitam pouco.  
Algumas enfeitam muito.  
Algumas enfeitam tanto,  
(Que as palavras — que  
Engraçado!

— nem parece as palavras  
que entraram pelo outro  
lado.



E depois que elas se espalham,  
Por mais que a gente procure,  
Por mais que a gente recolha,  
Sempre fica uma palavra,  
Usando como uma folha,  
Caindo pelos quintais,  
Pousando pelos telhados,  
Entrando pelas janelas,  
Pendurada nos beirais.



Por isso, quando falamos,  
Temos de tomar cuidado.  
Que as coisas que a gente fala  
Vão ecoando, não ecoando,  
E ficam por todo lado.  
E até mesmo modificam  
O que era nesse recado.





Eu vou contar pra vocês  
O que foi que aconteceu,  
No dia em que a Gabriela  
Quebrou o vaso da mãe dela  
E acusou o Filisteu.

— Quem foi que quebrou meu  
vaso?

Meu vaso de ouro e laquê,  
(Que eu conquistei no concurso,  
No concurso de crochê?

— Quem foi que quebrou seu  
vaso?

— a Gabriela respondeu

— quem quebrou seu vaso foi...  
o vizinho, o Filisteu.



Pronto! Lá vão as palavras!  
Vão voando, vão voando...  
Entrando pelas orelhas  
De quem estiver passando.  
Então entram pela orelha  
De dona Felicidade:  
— o Filisteu? Que bandido!  
que irresponsabilidade!  
As palavras continuam  
A voar pela cidade.  
Vão entrando nos ouvidos  
De gente de toda idade.  
E aquilo que era mentira  
Até parece verdade...

Filisteu

Filisteu

Filisteu





Deu Golias, que é vizinho  
De dona Felicidade,,  
E que é o pai de Filisteu,  
Ao ouvir que o filho seu  
Cometeu barbaridade,  
Fica danado da vida,  
Invente logo um castigo,  
Sem tamanho, sem medida!  
Não tem mais festa!  
Não tem mais coca-cola!  
Não tem TV!  
Não tem jogo de bola!  
Trote no telefone?  
Nem mais pensar!  
Isquite? Milquicheique??  
Vão acabar!

Filisteu, que já sabia  
Do que tinha acontecido,  
Ficou muito chateado!  
Ficou muito aborrecido!  
E correu logo pro lado,  
Pra casa de Gabriela:  
— Que papelão você fez!  
Me deixou em mal estado,  
Com essa mentira leuca  
Correndo por todo lado.  
Você tem que dar um jeito!  
Recolher essa mentira  
Que me deixa atrapalhado!





Gabriela era levada,  
Mas sabia compreender  
As coisas que a gente pode  
E as que mãe pode fazer;  
E a confusão que ela armou,  
Daiu para resolver.

Gabriela foi andando.  
E as mentiras que ela achava  
Na sacola ia guardando.  
Mas cada vez mais mentiras  
O vento ia carregando...  
Gabriela encheu sacola,  
Bolsa de fecho de mala,  
Mala, malinha, maleta.

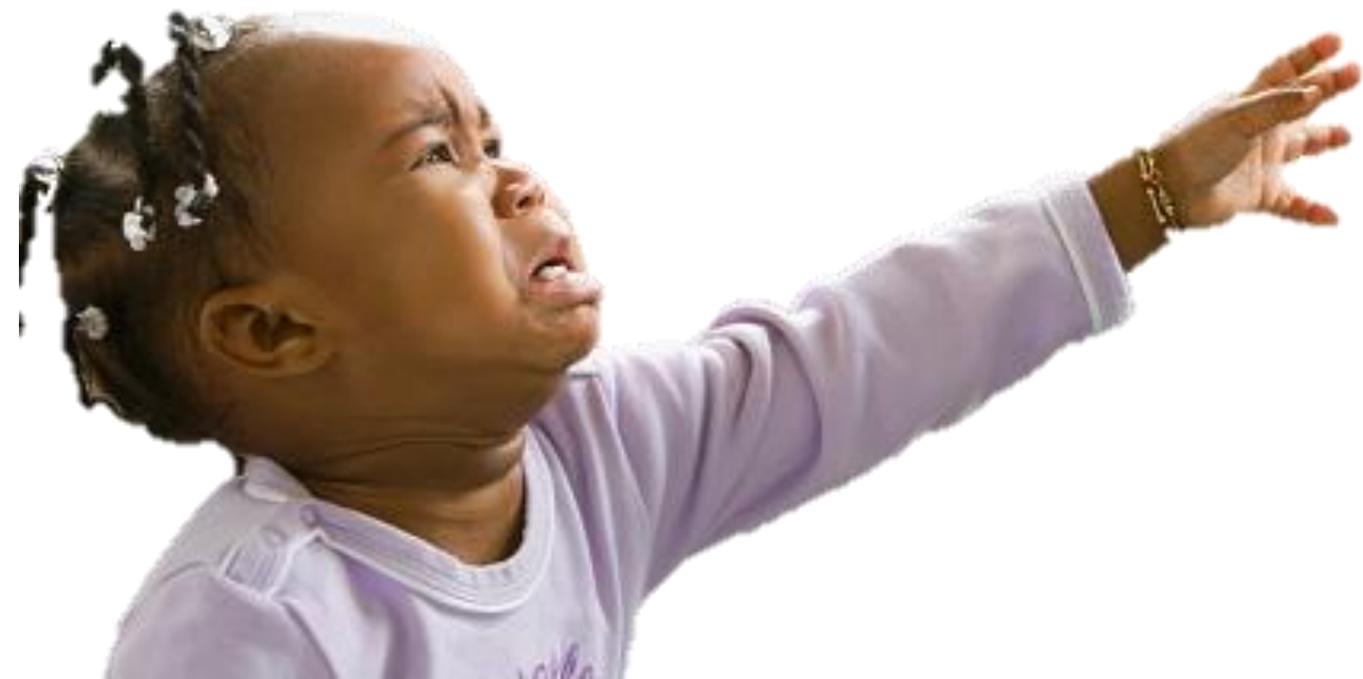




Quanta mais ia enchendo,  
Mais mentiras ia vendo,  
Voando, entrando nas casas,  
Como se tivessem asas,  
Como se fossem — que coisa!  
— um milhão de borboletas!



Gabriela então chegou  
No começo de uma praça.  
E quando olhou para cima  
Não achou a menor graça!  
Percebeu — calamidade!  
— que a mentira que ela disse  
cobria toda a cidade!



Gabriela era levada,  
Era esperta, era ladina,  
Mas, me funde, Gabriela  
Cinda era uma memina.  
Quando viu a trapalhada  
Que ela conseguiu fazer,  
Foi ficando apavorada,  
Sentou-se numa calçada,  
Bateu a boca no mundo,  
Num desespero profundo...

Todo mundo em revolta dela  
Perguntava o que é que havia.  
Por que chora Gabriela?  
Por que toda esta agonia?  
Gabriela olhou pro céu  
E removeu a aflição.  
E gritou com toda força  
Que tinha no seu pulmão:  
- Foi mentira!  
- Foi mentira!





Com as palavras da memina  
Uma nuvem se formou,  
Lá no alto, muito escura,  
Que logo se desmanchou.  
Caiu em forma de chuva  
E as mentiras lavrou.



Mas mesmo depois de case  
Que eu acabei de contar,  
Até hoje Gabriela  
Vive sempre a procurar.  
De vez em quando ela encontra  
Um pedaço de mentira.  
Então recolhe depressa,  
Antes dela se espalhar.  
Porque é como eu lhes dizia.  
As coisas que a gente fala  
Saem da boca da gente  
E vão rolando, rolando,  
Correndo sempre pra frente.



Sejam palavras bonitas  
Ou sejam palavras feias;  
Sejam mentira ou verdade  
Ou sejam verdades meias;  
São sempre muito importantes  
As coisas que a gente fala.  
Aliás, também têm força  
As coisas que a gente cala.  
Às vezes, importam mais  
Que as coisas que a gente fez...  
" Mas isso é uma outra história  
que fica pra uma outra vez..."

## Ruth Rocha



É uma importante escritora brasileira de literatura infante juvenil. Em 1976 publicou seu primeiro livro, "Palavras, Muitas Palavras", com imagens de Raul Fernandes, para mostrar as crianças que aprender a ler pode ser uma diversão. Seu segundo livro, "Marcelo, Marmelo, Martelo" (1976) foi traduzido para vários idiomas e se tornou um Best-seller.

Defensora dos direitos das crianças, Ruth Rocha escreveu em parceria com Otávio Roth, a "Declaração Universal dos Direitos Humanos Para Crianças" (1988), lançada na sede da Organização das Nações Unidas em Nova Iorque.

Ruth Rocha foi condecorada, em 1998, pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, com a Comenda da Ordem do Ministério Cultural. Recebeu prêmios da Academia Brasileira de Letras, da Associação Paulista dos Críticos de Arte, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, sete Jabutis da Câmara Brasileira de Letras, entre outros.

Ruth Rocha foi escolhida para fazer parte do Pen Clube - Associação Mundial dos escritores, localizada no Rio de Janeiro. Foi eleita para a cadeira n.º 38 da Academia Paulista de Letras.